

ARQUIVOS Históricos



Boletim digital elaborado pelo **CAHist - Comitê de Arquivos Históricos**.
A distribuição é dirigida a membros e amigos de **Alcoólicos Anônimos**,
sendo permitida sua reprodução, citando-se a fonte.

UMA PONTE SOBRE O ABISMO



Jack Alexander

Em março desse ano, a publicação do artigo sobre A.A. de Jack Alexander no *Saturday Evening Post* completou 80 anos. A seção CAHist não poderia deixar de lembrar esse acontecimento que deu a A.A. seu primeiro grande impulso. Gerou, também, nossas primeiras dores do crescimento, impondo-nos o primeiro grande risco de desunião e colapso da Irmandade — superado graças à ação de um Poder Superior, à visão de futuro de Bill e ao “magnífico trabalho” dos nossos servidores pioneiros.

Durante o inverno de 1940-41, o juiz Curtis Bok, proprietário do *Saturday Evening Post*, estava intrigado. Ouvira falar de bêbados que vinham recuperando outros bêbados de maneira surpreendente. Decidido a saber o que havia por trás daqueles rumores, chamou Jack Alexander, seu melhor repórter, propondo-lhe uma matéria. Jack hesitou, alegou



Norman Rockwell famoso pintor americano que ilustrou capas do Post por quase cinquenta anos.

ser um tema sem importância, mas acabou aceitando. Ele não sabia que começava ali a reportagem mais importante da sua carreira, uma das matérias de maior sucesso do *Post*. Nem que ela tornaria conhecida em toda a América do Norte aquela obscura irmandade, transformando o futuro de A.A. e a vida de milhares de alcoólicos.

ATORES DA BROADWAY

O *Post* era o maior semanário da América do Norte, com tiragem de três milhões de exemplares. Alexander tinha 38 anos de idade, acabara de desmascarar importantes negociações escusas em Nova Jersey e orgulhava-se de

seu ceticismo. Recebeu em seu apartamento quatro membros de A.A. e, após a visita, opinou: *“Eram bem apessoados e estavam bem vestidos, mas contaram histórias de horríveis desgraças ocorridas quando bebiam. As histórias soaram falsas e, quando foram embora, tive a nítida sensação de estar sendo engabelado. Eles se comportaram como atores enviados por uma agência teatral da Broadway.”*

No dia seguinte, ao conhecer Bill W., Jack considerou: *“É um tipo que desarma qualquer um e é especialista em doutrinar, usando psicologia, psiquiatria, fisiologia, farmacologia e o folclore do alcoolismo”*. A franqueza de Bill acentuou ainda mais o já agudo ceticismo de Alexander: *“Pareceu-me incrivelmente ingênuo ou um tanto estúpido”*, anotou o repórter.

A primeira impressão de Alexander era parcialmente correta: Bill era cândido, mas sua candura nada tinha de ingenuidade ou estupidéz. Era proposital e atingia seus objetivos. O próprio Bill assim descreveu o atendimento prestado ao repórter: *“Nós o trouxemos a reboque durante quase um mês inteiro, dando-lhe total atenção e uma ajuda cuidadosamente organizada. Abrimos a ele nossos registros, os livros, apresentamo-lo aos Custódios não alcoólicos, marcamos entrevistas com AAs de todos os tipos e, finalmente, pusemos Alcoólicos Anônimos à sua frente, desde Nova York e Filadélfia até Chicago, passando por Akron e Cleveland”*.

Por fim, um Jack transformado mostrou-se francamente impressionado com as histórias dos membros de A.A. nessas cidades. *“O fator decisivo foi minha experiência em St. Louis, minha cidade natal. Ali vi uns amigos meus que eram membros de A.A. e fizeram desaparecer os últimos vestígios de meu ceticismo. Fazia um tempo que esses amigos eram bêbados incorrigíveis, mas vi-os todos sóbrios. Não me parecia que isso fosse possível, mas foi.”*

JACK HESITOU, ALEGOU SER UM TEMA SEM IMPORTÂNCIA, MAS ACABOU ACEITANDO. ELE NÃO SABIA QUE COMEÇAVA ALI A REPORTAGEM MAIS IMPORTANTE DA SUA CARREIRA, UMA DAS MATÉRIAS DE MAIOR SUCESSO DO POST.

O ARTIGO

Convertido num partidário de A.A. (após “sentir a Irmandade nos ossos”, segundo Bill), Alexander terminou o artigo e enviou-o a Bill e ao Dr. Bob para fazerem seus comentários. Bill não queria que aparecessem referências negativas aos *Grupos Oxford*, famosa associação cujos princípios básicos A.A. incorporou, mas com a qual romperia relações depois. Jack respondeu que seus editores haviam pedido para incluir alguma referência a essa organização, mas acabou minimizando as citações.

Na última hora, depois de aprovado o artigo, o *Post* apresentou aos AAs um verdadeiro dilema: os editores aceitavam usar pseudônimos no texto, mas queriam fotografias para ilustrar a matéria. Bill recordou: “*Alegamos que isso poderia afastar as pessoas, mas o Post retrucou que, sem fotos, não haveria artigo. A decisão era nossa e muito difícil*”. Sob protestos dos membros “*mais conservadores e medrosos*”, Bill decidiu dar as fotografias. “*Foi uma decisão crucial, que se revelou correta – pelo menos naquele momento*”, disse ele.

O artigo foi ilustrado com quatro fotografias de membros, sem identificação, em circunstâncias caracteristicamente alcoólicas e relacionadas a A.A. Uma foto foi feita diante da lareira da Casa Clube da Rua 24, mostrando o lema *Somente pela graça de Deus*, com Bill sentado ao centro, rodeado pela secretária



Capa de Norman Rockwell para a edição de março-1941, com chamada para o artigo de Jack Alexander.

Ruth Hock e sete alcoólicos, muitos de costas para a câmera.

O artigo começava com uma descrição da técnica de A.A. para deixar de beber. Num dos parágrafos mais importantes, o autor



Alcoholism is a mysterious and repellent malady, with perhaps as many as a million victims in this country.

The Drunkard's Best Friend

By JACK ALEXANDER

Nine years ago the Post reported on the then-obscure group known as Alcoholics Anonymous. Since that time these self-rehabilitated men—and women—have sobered up an astonishing number of America's heaviest drinkers. This is how they do it.

WHEN a farmer in Ansonook County, Maine, announces that he is going to take a walk, he is speaking figuratively. What he means is that he is bored with the limitations of Ansonook's vast reaches, with the quantity of Ansonook's vast reaches, and with life in general; and that, to relieve his boredom, he is going on a vanilla-extract hound. In order to buy liquor he might have to drive as much as a hundred miles, over rutted or raised roads, to reach a town un- subsided by local option. He figures on vanilla, which is rich in alcohol, because it is easily and legally obtainable, in quantity, at the nearest grocery store. Grocers in local-option towns ordinarily do a thriving vanilla business with alcoholically in-

clined agrarians, but of late the strange society known as Alcoholics Anonymous has taken root in Ansonook and a disturbing effect on the vanilla turnover has been observed. "You wouldn't believe it, Ned," one storekeeper lamented to a drummer on a gray day last November, "but my vanilla sales is almost down to normal." The impact of Alcoholics Anonymous upon a community is not always that striking, but it is doing quite well at its self-appointed task, which, as almost everyone knows by now, is that of helping confused drinkers to quit drinking. The help is provided solely by alcoholics who, through adhering to a specified program of living, have managed to arrest their own disastrous drinking habits. (A. A.

members never call themselves ex-alcoholics, regardless of the length of their sobriety, the theory being that they are innately alcoholic by temperament, and are therefore always vulnerable to a relapse.) During the past few years Alcoholics Anonymous has extended its influence overseas, and one of the more dedicated workers in the honorable secretary of the Dublin group, a Southport graduate and a veteran of twenty-six years in the British Army, he is still remembered in some portions of the Middle East for his inspired work with the bottle. Now an abstainer, he lives off his major's pension and the profits of a small retail business. Like all faithful members of A.A., he spends much of his spare time

17

O Melhor Amigo do Bêbado, escrito por Alexander nove anos depois do primeiro artigo sobre A.A.

explicava o que fazia Alcoólicos Anônimos funcionar: histórias pessoais que conectavam um alcoólico ainda ativo a outro já recuperado. "Essas histórias, adicionadas a outras coisas referentes à bebida, conjugam-se para convencer o alcoólico de que está falando com um irmão de sangue. A partir daí, surge uma ponte de confiança sobre o abismo que havia desconcertado médicos, pastores, padres e parentes desventurados. Sobre essa base, os AAs fornecem aos poucos os detalhes de um programa de vida que havia funcionado para eles e que acreditavam poderia funcionar para qualquer outro alcoólico."

Depois de minuciosa pesquisa sobre A.A., sua aceitação entre muitos profissionais, seu desenvolvimento, seu programa, o envolvi-

mento da família e o número de membros, Alexander fez um histórico do movimento, contando a trajetória de Bill (chamado de *Griffith*) e do Dr. Bob (*Armstrong*). Terminou o artigo com outras quatro histórias, entre elas a da mulher pioneira em A.A., Marty M. (ali chamada de *Sara Martin*).

Sem ser longo, o artigo era inteligente, de leitura instigante e compreensão imediata. De forma concisa conseguiu aquilo que Bill mais desejava: colocar A.A. no mapa da consciência nacional.

Na manhã do dia 24 de fevereiro de 1941 chegava às bancas a edição de 1º de março, com chamada de capa para o artigo de Alexander, que tinha como título principal: "*Alcoólicos Anônimos*" e subtítulo: "*Escravos libertos da bebida agora libertam outros*". As reações foram imediatas. Em Toledo, Ohio, o grupo local deu a um novato chamado Garth M. um pacote de moedas de cinco centavos, totalizando dois dólares, e mandou-o percorrer os vendedores de revistas até comprar quarenta exemplares.

ESPECTRO DA DESUNIÃO

Bill descreveu dessa maneira a resposta do público ao artigo: "*Chegou um dilúvio de cartas e telegramas com pedidos de ajuda e pedidos do livro Alcoólicos Anônimos. Manuseando a montanha de angustiados chamados, começamos a chorar. Que diabos poderíamos fazer com eles?*"

Em menos de um ano, o número de membros de A.A. iria triplicar. Bill recorda os temores que assolaram a Irmandade na época: "*O crescimento repentino nos conduziu a um período de terrível incerteza. O grande teste da unidade de A.A. começou seriamente. Funcionávamos apenas por meio de contatos casuais, viajantes indo de um lado para outro, correspondência do escritório, um folheto e um livro. Com tão pouca base, conseguiríamos nos organizar em grupos que pudessem fun-*

**À MEDIDA QUE, POR CAUSA DO ARTIGO,
APARECIAM MAIS ALCOÓLICOS, ESTES
TENTAVAM SE ORGANIZAR EM CENTENAS
DE NOVOS GRUPOS, DE TAL MODO QUE
O ESPECTRO DA DESUNIÃO E COLAPSO
CRESCIA EM PROPORÇÕES ASSUSTADORAS.**

cionar e permanecer unidos? Simplesmente não sabíamos. Reunir dois ou três alcoólicos já era difícil; o que aconteceria se eles se reunissem em grupos bem maiores? Já tinha havido problemas em grupos que cresceram rapidamente: disputas de liderança, dinheiro, clubes, exploração do nome de A.A., coleta das contribuições e, ainda, romances entre os membros. À medida que, por causa do artigo, apareciam mais alcoólicos, estes tentavam se organizar em centenas de novos grupos, de tal modo que o espectro da desunião e colapso crescia em proporções assustadoras. Podíamos apenas dar o melhor de nós e deixar o resto com Deus”.

A PREVISÃO DE BILL

Mas o colapso não aconteceu, graças a três fatores. O primeiro foi que a pontual publicidade sobre A.A. anterior ao artigo do *Post* (matéria na revista *Liberty* em 1939, e quebras de anonimato de membros famosos, como o jogador Rollie Hemsley, em 1940) trouxe repercussão benéfica, que agora poderia ser capitalizada pela Irmandade. Embora escassa, a correspondência anterior havia estabelecido postos avançados de A.A., pequenos grupos e membros solitários em algumas regiões do país. Assim, era possível indicar contatos nessas regiões aos milhares de interessados que

havam lido a matéria do *Post*. Dois anos antes, essa possibilidade não teria existido. Muitos acreditam que a mão de um Poder Superior esteve nesse aparente “acaso”.

O segundo fator foi a capacidade de previsão de Bill, que estava sempre olhando para a frente e não só havia esperado que aquilo acontecesse como também havia se preparado antecipadamente para a situação. As anotações no diário de Lois – antes da publicação do artigo – revelam esses preparativos:

“Sexta-feira, 31 de janeiro de 1941. Elaboramos um programa para os procedimentos posteriores à publicação do artigo do Post.”

“Terça-feira, 4 de fevereiro de 1941. Todos viemos cedo ao grupo para conversarmos sobre a organização das voluntárias e dos candidatos ao ingresso, depois do artigo do Post. Serei o elo entre o escritório, o grupo e as voluntárias.”

“Terça-feira, 25 de fevereiro de 1941. Datilografamos o ‘Plano de Ação’ a ser posto em prática depois da saída do artigo do Post.”

Esse planejamento e preparativos foram cruciais. Cerca de uma semana após a publicação do artigo, o número de participantes das reuniões aumentou de maneira dramática. “Já em 4 de março”, escreveu Lois em seu diário, “apareceram 150 pessoas na reunião do clube, e



Ilustração do segundo artigo: bêbado controla o tremor das mãos com uma toalha.

CALCULOU-SE QUE 6.000 AAS DEVERAM O INÍCIO DA SUA SOBRIEDADE AO ARTIGO DE JACK ALEXANDER. E NÃO SE SABE QUANTOS MILHARES FORAM ESTIMULADOS POR ESSA PRIMEIRA LEVA.

Segundo Bill: “o artigo do Saturday Evening Post não somente trouxe grande número de novos membros, como também reuniu trabalhadores magníficos de todos os tipos e condições. Los Angeles nunca poderia ter prosperado como o fez sem seus colaboradores por tantos anos. (...) Lois e eu visitamos a cidade em 1943, quando os grupos organizaram uma reunião na Legião Americana. Quando olhei por trás da cortina, vi cerca de mil pessoas sentadas ali. Era inacreditável. O desenvolvimento rápido e as dores do crescimento em Los Angeles davam medo. Parecia impossível que eles pudessem aguentar a confusão e, ao mesmo tempo, caminhar. No entanto, em 1950, apenas sete anos mais tarde, falei ali para uma audiência de 7.000 AAs e seus familiares.”

MAGNÍFICOS TRABALHADORES

O terceiro fator que evitou a desunião e o colapso da Irmandade foi o espírito de serviço, que ainda não constituía o Terceiro Legado, nem era “a torre mais alta da catedral de A.A.”, mas já mostrava sua força.

OUTRAS REPERCUSSÕES

No início de 1941 A.A. tinha cerca de 2.000 membros. Como consequência do artigo, outras revistas começaram a publicar reportagens sobre A.A., iniciando uma onda de boa publicidade que duraria anos.

O artigo completo do Saturday Evening Post está disponível em forma de livreto, com o título "O artigo de Jack Alexander sobre A.A." (JUNAAB, código 228).

Embora seja de 1941, o artigo oferece – ainda hoje – informação importante sobre o alcoolismo, o começo da Irmandade e o que estava dando tão bom resultado aos bêbados. A matéria foi elogiada por ser um exemplo de texto bem organizado, que pode ser útil a estudantes de jornalismo.

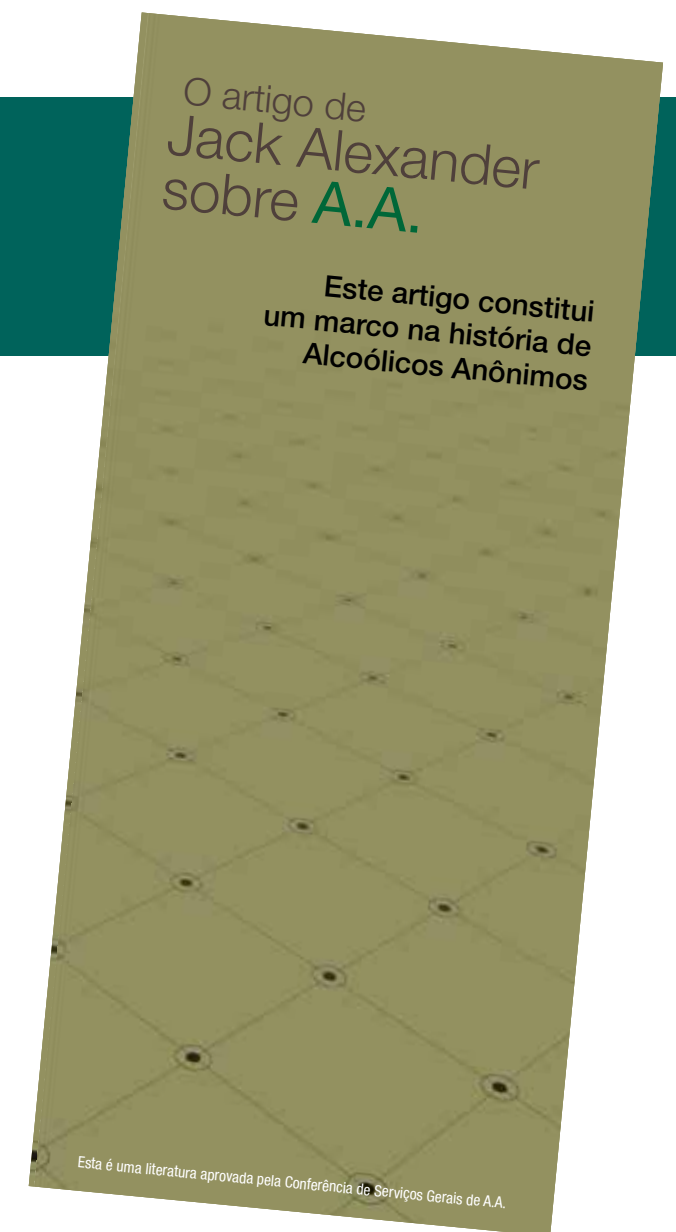
Em 1950, nove anos depois, o *Post* publicou um segundo artigo escrito por Jack Alexander com o título *O melhor amigo do bêbado*. Embora não tivesse o impacto do primeiro, informava o que tinha acontecido à Irmandade e o que prometia para o futuro — promessa cumprida com folga. Nessa época A.A. tinha 96.000 membros e a mensagem estava sendo difundida em outras partes do mundo.

ETERNO AMIGO DE A.A.

Alexander foi amigo de A.A. pelo resto da sua vida. Serviu como Custódio "Classe A", de 1951 até 1956. Ajudou na revisão do manuscrito de Bill *Os Doze Passos e as Doze Tradições*, publicado em 1953.

Chegou a ser editor-chefe do *Post*. Por ocasião da sua aposentadoria em 1961, o *Post* disse que o artigo sobre A.A. foi o mais famoso que ele tinha publicado na revista. Morreu em 17 de setembro de 1975, quase cinco anos depois de Bill.

A.A. provavelmente teria seguido em crescimento, mesmo sem o maravilhoso artigo de Jack. Mas sua publicação deu-se em momento propício, com a credibilidade desse profissio-



nal da imprensa, num texto que expressava sua confiança em A.A. Bill e os demais pioneiros perceberam a dívida que tinham para com Jack, por isso nunca deixaram de se sentir agradecidos ao repórter que, no começo, achou que o estavam *engabelando*. ■

FONTES:

Box 459, Fev-Mar. / 2008 (pág. 4-5) *Passe Adiante* – JUNAAB – Código 118
Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade – JUNAAB – Código 101
O Artigo de Jack Alexander sobre A.A. – JUNAAB – Código 228

HISTÓRICO DA ÁREA 17-PRP



CURITIBA, 05 DE SETEMBRO DE 1968

Na década de 1960, o psiquiatra Dr. Djalma Braga trabalhava no Centro de Recuperação do Alcoólico – CRA, do Hospital Adalto Botelho, em Curitiba (PR). Apesar da sua grande dedicação, considerava insatisfatórios os resultados, pois havia inúmeras recaídas e reinternações. Era preciso descobrir uma alternativa para ajudar o alcoólico a manter-se sóbrio após sua alta hospitalar.

Em 1967, ele viajou para o Rio de Janeiro, ao saber que lá havia uma irmandade com índices de recuperação animadores: os Alcoólicos Anônimos. Porém, ao chegar ao grupo de A.A. carioca disseram-lhe que, por não ser alcoólico nem membro da Irmandade, não caberia a ele pessoalmente formar um grupo de Alcoólicos Anônimos. Porém, forneceram-lhe o nome completo e o endereço de um AA residente em Curitiba, bem como o primeiro nome de outro membro de lá.

Dr. Djalma procurou o primeiro: tratava-se de um AA solitário norte-americano, que preferiu manter-se anônimo para não comprometer sua reputação como gerente de uma grande multinacional.

O médico não se deu por vencido e partiu em busca do segundo AA, munido apenas de seu pré-nome: Altevir. Passou a publicar anúncios em jornais, na expectativa de conseguir marcar um encontro pessoal, mas nada de Altevir. Alguns veteranos de Curitiba acreditam que, naquele momento, um Poder Superior interveio.

Em Blumenau (SC), um membro de A.A. dono de uma banca de jornais leu o anúncio do Dr. Djalma e, no mesmo dia, mostrou-o à companheira Charlotte, uma AA norte-americana radicada nessa cidade e que prontamente entrou em contato com o Dr. Djalma Braga.

Charlotte foi até Curitiba, onde o médico colocou à sua disposição as dependências do



CRA, forneceu-lhe os endereços dos alcoólicas sob seus cuidados médicos, e providenciou anúncios em diversos órgãos de comunicação procurando informar o público e, principalmente, atrair alcoólicas que haviam abandonado o tratamento naquele hospital.

REUNIÃO INAUGURAL

Um desses alcoólicas conta que estava comemorando seu aniversário com familiares, quando a TV anunciou o *slogan* de A.A., convidando para uma reunião. Todos olharam para ele, que saíra há pouco de uma internação e estava há 40 dias sóbrio. Diante dessa reação, ele decidiu participar da reunião, ocorrida no dia 05 de setembro de 1968 – a primeira reunião de A.A. no Paraná.

Estavam presentes treze pessoas, sete delas não alcoólicas. No dia seguinte houve mais uma reunião, com a presença da companheira Charlotte,

ENFATIZOU A PALAVRA RECUPERAÇÃO NA BASE DO TRIÂNGULO DENTRO DO CÍRCULO, LOGOTIPO DE A.A. NA ÉPOCA. “O QUE SUSTENTA A UNIDADE E O SERVIÇO É UMA SÓLIDA RECUPERAÇÃO” - AFIRMOU.



1 ESL Ponta Grossa, 2 Grupo Renascença, 3 Grupo Mananciais da Serra e 4 Grupo Atalaia - alguns dos primeiros grupos no Paraná.

que informou seu retorno a Blumenau, deixando sob a responsabilidade dos recém-chegados a incumbência de levar adiante o movimento de Alcoólicos Anônimos no Paraná, lembrando que um Poder Superior preside nosso propósito. Ela sugeriu que o companheiro Amaury assumisse a coordenação e o companheiro Chico acumulasse a secretaria e a tesouraria, ficando o companheiro Ernesto sem encargo, até conseguir firmar sua sobriedade. Em breve ele assumiu a secretaria, assim o grupo foi avançando.

Certo religioso que conhecera A.A. nos Estados Unidos vinha de Paranaguá e participava de todas as reuniões. Muitas vezes ele interrompia depoimentos dizendo: *“Olha, não é assim que você deve fazer”*, ou então: *“Você não pode falar desse jeito, mas assim ou assado”*. Certo dia, Dr. Djalma chamou os membros e disse: *“Não concordo com a presença dele nas reuniões. Vocês precisam fazê-lo entender que ali não é o lugar dele. Expliquem que ele pode ajudar, mas de fora, como eu estou fazendo, sem estar presente nas reuniões.”* Após ouvir os argumentos, o religioso concordou em deixar de ir às reuniões, mas continuou ajudando. Assim, com a ajuda de alcoólicos e não alcoólicos, surgiu e se consolidou o primeiro grupo de A.A. no Paraná.

INDEPENDÊNCIA: UM NOME E UM PROPÓSITO

Ao discutirem o nome do novo grupo, um companheiro sugeriu Providência, outros lançaram outros nomes, mas o secretário Ernesto disse: *“Estamos em setembro, na Semana de Pátria, comemorando a independência do Brasil e o surgimento de A.A. aqui em Curitiba e, por consequência, no Paraná. Será que o nome não poderia ser nosso propósito de independência em relação ao álcool?”* Diante disso, todos retiraram suas proposições e o nome aprovado por unanimidade foi Grupo Independência de A.A. O endereço era na Rua Visconde do Rio Branco, 1172.

AO COMPREENDEREM O SIGNIFICADO DO PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO, PASSARAM A PRATICÁ-LO. EM CONSEQUÊNCIA, COMEÇARAM A LEVAR A MENSAGEM COM MAIS AFINCO E NOVOS GRUPOS COMEÇARAM A SURGIR.

Agora, a mensagem de A.A. precisava ser passada adiante. Mas como, se todos eram novatos sem experiência na formação de grupos? A literatura, escassa, vinha do Grupo Central de A.A. no Rio de Janeiro, mimeografada na Penitenciária Central daquela cidade. As dificuldades eram grandes na época e aqueles novos servidores sentiam-se pequenos diante delas.

A LITERATURA DE A.A. COMO REFERÊNCIA

Após receberem uma síntese dos Doze Passos, os pioneiros reuniram-se para debater se iriam adotá-los ou não. Amaury disse que aquilo era *coisa de americano*, não condizia com a realidade brasileira. Chico concordou. Ernesto entendeu melhor o espírito dos Passos e pronunciou-se favoravelmente, mas já era voto vencido.

Por sorte, Chico levou a resolução para sua irmã Ilka, que, mais tarde, seria uma das fundadoras de Al-Anon no Paraná. Ilka sabia que os Doze Passos eram o sustentáculo da sobriedade, assim, convidou Charlotte para um urgente retorno a Curitiba. Charlotte compareceu ao Independência e deu-lhes *o mais bem aplicado puxão de orelha* que já haviam visto. Por sorte, na mesma ocasião, passou por Curitiba o companheiro Donald, tradutor do *Livro Azul* no Brasil e um dos responsáveis pela expansão de A.A. no sul do país.

Donald explicou-lhes o que eram os Doze Passos. Enfatizou a palavra Recuperação na base do triângulo dentro do círculo, logotipo de A.A. na época. "*O que sustenta a Unidade e o Serviço é uma sólida Recuperação*" - afirmou ele.

FUNCIONA!

Ao compreenderem o significado do programa de recuperação, passaram a praticá-lo. Em consequência, começaram a levar a mensagem com mais afinco e novos grupos começaram a surgir.

Inicialmente, por divergências entre membros do Independência, formou-se um segundo grupo, chamado *Providência*, que funcionava no mesmo endereço, porém em dias alternados. Mais tarde os dois grupos se reunificaram. Naquela época, o registro dos grupos era feito diretamente nos Estados Unidos. As próprias contribuições eram remetidas para lá, convertidas em dólares. Também a lista de endereços dos grupos do mundo inteiro era confeccionada lá, para então ser distribuída.

Mais grupos foram sendo formados: Renascença, Excelsior, Litoral, Mananciais da Serra, Portão de Paz e Harmonia, Atalaia, Esperança, Sinceridade, Ideal, Cristo Rei. O crescimento tomou impulso, mesmo com as dificuldades da época, pois não havia nem a estrutura nem a vasta literatura que, hoje, facilitam a abertura de novos grupos.

Hospital Psiquiátrico
Adauto Botelho - Local
das primeiras ações
para o surgimento de
A.A. no Paraná



SURGIMENTO DA ESTRUTURA

Em 16/06/78 foi instalado em Curitiba o escritório central do estado, então chamado CENAA.PAR, na Rua Barão do Rio Branco, 63 - 18º Andar. Era uma sala pequena, mas atendia as necessidades dos grupos. A necessidade de mais espaço levou-o posteriormente para duas salas na Praça Zacarias, no Edifício Dante Alighieri.

A estrutura seguiu em crescimento, trazendo novas mudanças: metade de um andar no Edifício Ipê, na Rua Cruz Machado; uma casa na Rua Dr. Pedrosa, 123, até finalmente chegar à sede atual, na espaçosa e bem equipada casa da Rua Nunes Machado, 1.002. Por força de um novo estatuto, o escritório passou a chamar-se CENSAA.PAR.

Três custódios alcoólicos e um não alcoólico oriundos de A.A. do Paraná já participaram da Junta de Serviços Gerais de A.A. do Brasil, a JUNAAB, além de outros AAs da região que serviram na estrutura nacional no final dos anos 1980.

SURGIMENTO DOS DISTRITOS

Em 1984, começaram a avaliar a formação de distritos na estrutura. Havia receio de que isso pudesse

enfraquecer financeiramente a antiga Central de Serviço (atual Escritório de Serviços Locais), pois haveria a necessidade de repasses aos distritos, e a central já era quase deficitária. Havia também um receio geral ante quaisquer mudanças. Mas, com mente aberta e serenidade as resistências foram superadas, pois o que estava sendo proposto já era praticado na estrutura dos EUA/Canadá.

Depois, a estrutura de serviço foi acrescida da área, mantendo-se o funcionamento da Central. No início não houve problemas na administração e funcionamento das atividades desses órgãos de serviço.

Dificuldades surgidas mais tarde foram solucionadas numa Assembleia Extraordinária, que deliberou pela unificação da estrutura no Paraná, que segue até hoje funcionando com efetividade.

ESTRUTURA ATUAL

Atualmente existem na Área 17-PRP um total de 18 distritos oficializados e homologados, que reúnem 124 grupos. Temos três Escritórios de Serviços Locais - ESLs: Sede Centro Sul, Sudoeste do Paraná, e Oeste do Paraná.

QUANDO, HÁ 52 ANOS, OS ORGANIZADORES DA PRIMEIRA REUNIÃO PÚBLICA NO ESTADO PROCURARAM A IMPRENSA, OUVIRAM DE UM JORNALISTA: “À NOITE TENHO COISAS MUITO MAIS IMPORTANTES E INTERESSANTES PARA FAZER, DO QUE IR A UMA REUNIÃO DESSE TAL A.A.” HOJE TUDO MUDOU, POIS SÃO OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO QUE PROCURAM A.A. PARA ENTREVISTAS E DIVULGAÇÃO FREQUENTES.

Ao todo, existem no estado do Paraná 212 grupos assim distribuídos: 41 na capital, 18 na região metropolitana e 153 no interior.

O Comitê Trabalhando com os Outros está em pleno funcionamento, com atividades de CCCP, CIP, CIT E CIC. O coordenador estadual da Revista Vivência também está homologado e atuando.

A meta é melhorar cada vez mais esses órgãos de serviços. Todos os aniversários de instalação de A.A. no Paraná são comemorados com uma reunião pública que sempre lota o auditório da Reitoria da Universidade Federal do Paraná.

Quando, há 52 anos, os organizadores da primeira reunião pública no estado procuraram a imprensa, ouviram de um jornalista: *“À noite tenho coisas muito mais importantes e interessantes para fazer, do que ir a uma reunião desse tal A.A.”*

Hoje tudo mudou, pois são os meios de comunicação que procuram A.A. para entrevistas e divulgação frequentes.

DESMEMBRAMENTO

Em 2013 iniciaram-se os trabalhos para desmembramento da Área 17-PR, visando a aber-

tura de uma nova área no Estado do Paraná, a qual foi aprovada na XXXVIII Conferência de Serviços Gerais - 2014, passando o Setor 1 da Área 17 a denominar-se Área 37-PRC.

Hoje a Área 17-PRP possui 4 setores, sendo: Setor 1 – Região de Ponta Grossa; Setor 2 – Região de Londrina, Maringá e Cianorte; Setor 3 – Região de Pato Branco e Francisco Beltrão; e Setor 4 – Região de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu.

ATUAÇÃO NA PANDEMIA

Em 2020 teve início a pandemia da Covid-19 e Alcoólicos Anônimos teve seu trabalho reduzido e até interrompido em todo o mundo. Mesmo com essa situação, os trabalhos da Área 17-PRP não deixaram de ser executados, usando-se plataformas digitais para reuniões de recuperação, reuniões de serviço e até mesmo Assembleia de Área.

Os acontecimentos aqui narrados referem-se aos trabalhos de relevância executados pelos membros servidores de Alcoólicos Anônimos da Área 17-PRP. ■

EDIÇÕES ANTERIORES

Todas as edições anteriores do Boletim Eletrônico CAHist podem ser acessadas no site de A.A., por meio do link:

<https://www.aa.org.br/membros/comites/cahist/boletim-cahist>

SEÇÃO EXPEDIENTE

Traduções do site / materiais do GSO Archives; textos produzidos pelo Comitê de Arquivos Históricos da JUNAAB; traduções do BOX 459, acervo JUNAAB e consulta a veteranos. O material aqui publicado foi produzido pelo CAHist – Comitê de Arquivos Históricos da JUNAAB através de pesquisas e traduções de sites e acervos de A.A. Pode ser reproduzido integralmente por quaisquer veículos de comunicação de A.A. desde que seja citada a fonte. O comitê solicita que eventuais dados em desacordo com fatos documentados sejam comunicados através do e-mail:

cahist@aa.org.br ou (11) 3229.3611

Para receber este boletim você precisa se cadastrar no site de A.A. e, posteriormente, confirmar seu cadastro (verificar caixa de SPAM)

CLIQUE AQUI PARA SE CADASTRAR:

<https://www.aa.org.br/cadastro-newsletters-cahist>

UNIDADE ENTRE VOCÊ E CAHIST! - Colabore com o Museu Nacional de A.A. Mande material que tenha relevância histórica sobre A.A. nacional para o acervo do Museu. Entre em contato para mostrar fotos e conteúdos dos materiais em questão.

SIRVA-SE DO QUE LHE SERVIR - Retire do site os materiais que considerar desejáveis para uso em seus boletins locais / regionais. Ao replicar, pedimos que cite a fonte do material. O site está organizado em temas para facilitar sua pesquisa.